



# Notas autobiographicas e lembranças (\*)

DE

**ZOZIMO BARROSO**

FIDALGO CAVALLEIRO DA CASA IMPERIAL

---

Nasci a 4 de Abril de 1839 na cidade do Aracaty da provincia hoje estado do Ceará. Sou filho legitimo de Francisco Fidelis Barroso, tenente coronel da guarda nacional, e D. Anna Candida Ribeiro Barroso, sua mulher. Sou neto, da parte paterna, de José Fidelis Barroso de Mello, cavalleiro professo da Ordem de Christo e tenente-coronel da guarda nacional, bisneto de Antonio Gonçalves Barroso, terceiro neto de Manoel de Mello de Albuquerque, e quarto neto de Antonio Feijó de Mello, que servio na guerra contra os Hollandezes.

Pouco tempo depois do seu casamento, meu pai deixou a cidade do Aracaty e veio fixar-se na cidade da Fortaleza, capital da provincia do Ceará, onde estabeleceu uma casa de commercio, e exerceo o cargo de vereador da camara municipal. Na cidade da Fortaleza fiz o meu estudo de primeiras lettras e comecei o de preparatorios; em 1853, fui mandado por meu pai para o Rio de Janeiro completar estes estudos.

Em 1855, os tendo completado matriculei-me na escola militar do Rio de Janeiro, depois escola central e

---

(\*) Vide no fim deste artigo uma carta de Z. Barroso.

hoje escola polytechnica. Assentei praça no 1.º batalhão de artilheria a pé, e fui reconhecido 1.º cadete. Fiz os meus estudos com aproveitamento, e obtive aprovação plena em todas as materias do curso da escola. No fim do segundo anno de estudos fui promovido ao posto de alferes-alumno, e ao concluir o quarto anno foi esta promoção confirmada no posto de segundo tenente do corpo de engenheiros, tudo em conformidade com a lei. Em 1861, terminei o curso de engenharia, recebendo o grau de bacharel em mathematicas e sciencias phisicas.

Em 1862, obtive licença do governo imperial para ir estudar engenharia praticamente na Europa, com especialidade portos de mar, para o que tinha sido commissionado pelo governo de minha provincia natal, com vistas no melhoramento do porto da Fortaleza. N'aquelle tempo o curso de engenharia militar era preferido pelos moços estudantes, porque os engenheiros militares eram empregados não somente em obras militares mas também em commissões civis, como estradas de ferro, telegraphos, melhoramentos de rios, portos de mar, abastecimento d'agua, construcção de pontes, estradas, etc. Em 1841, resolveo o governo imperial separar a engenharia militar da engenharia civil, e o ministro da guerra convidou os engenheiros militares a optar entre o serviço da engenharia militar e o da engenharia civil. Por esta occasião pedi demissão do serviço do exercito, como fizeram Viriato de Medeiros, Silva Coutinho, Oliveira Bulhões, Sobragy, Monteiro de Barros, André e Antonio Rebouças, Carneiro da Rocha, Mello Barreto e outros. Communicando-me a demissão que me foi concedida, o commandante do corpo de engenheiros, brigadeiro Sepulveda Everard escreveu: «Lamento este acto que priva o corpo de engenheiros de um official de tantas esperanças». Fui então mandado pelo governo imperial ao Ceará estudar e projectar o melhoramento do porto da Fortaleza, e apresentei ao ministro da marinha, por cuja repartição corria o serviço de melhoramento de portos, um relatorio, aconselhando a fixação immediata das dunas de Mocuripe, o grande reservatorio de areia que tinha inutilisado as pon-

tes de embarque construídas em frente á alfandega desde 1829, trabalho que como era indispensavel nunca foi feito.

Sabem os meus amigos Cearenses porque não fui acreditado, e porque não se fixaram as duñas de Mocuripe? Porque «esta ideia não era sympathica», conforme me foi gravemente dito por um dos homens importantes do Ceará, n'aquelle tempo. Convénho que a ideia é simples e modesta, e não daria celebridade a ninguem, mas a sua realização traria beneficio real ao porto da Fortaleza. O meu estudo e observação conscienciosos, os exemplos que apresentei de factos identicos, em outros paizes, de nada serviram, diante da pretenciosa sentença: «esta ideia não é sympathica». Eu podia multiplicar exemplos desses juizos sentenciosos de homens possuindo uma tinctura de sciencia, mil vezes peor que a ignorancia, com os quaes tanto mal se tem feito ao Brazil. Propuz tambem a mudança do porto para a enseada de Mocuripe, duas a tres milhas distante da Fortaleza, ligando-se o porto projectado á alfandega por meio de uma pequena estrada de ferro. Não querendo o governo imperial fazer a despesa precisa para a execução deste projecto, pedi, associado ao engenheiro Inglez John James Foster, um privilegio para a construcção do porto em Mocuripe, concessão que nos foi feita, mas encontrou opposição desacertada da camara de commercio da Fortaleza, e não pode ser levada a effeito.

Finda a commissão de melhoramento do porto da Fortaleza, fui nomeado engenheiro das obras geraes da provincia do Ceará. Era então presidente da provincia o tenente coronel de corpo de engenheiros João de Souza Mello e Alvim, que de accordo com o ministro da agricultura, commercio e obras publicas encarregou-me de ir á Inglaterra fiscalizar a execução de algumas pontes metallicas destinadas a varias estradas da provincia do Ceará e um viaducto para a passagem do valle do Pacoty, na estrada do Aquiraz; e incumbio-me tambem de fazer uma escolha de livros Francezes e compral-os, para a fundação de uma bibliotheca publica na capital do Ceará. Durante o tempo em que estive occupado com estas incum-

bencias dirigi vinte e dous officios á presidencia da provincia do Ceará, e nem um só recebi em resposta. Isto mostra como eram administradas as provincias do imperio pelos advogados politicos, que eram quasi invariavelmente os titulares das presidencias e dos ministerios. Preoccupado com o melhoramento do porto da Fortaleza, uma das grandes necessidades da provincia do Ceará, projectei então com o habil engenheiro Inglez Charles Neate o melhoramento do porto, na Fortaleza, tomando-se todas as medidas para evitar o aterramento do porto, projecto que fiz imprimir, em Londres, sob o titulo de «Melhoramento do porto do Ceará». N'esta minha estada em Londres fui recebido socio do instituto dos engenheiros civis de Londres.

Publiquei outra brochura intitulada «Pharoes, estudos sobre a illuminação da costa do Brazil», demonstrando a superioridade dos apparatus dioptricos, e insistindo pelo emprego destes apparatus, muito mais efficazes do que os antigos apparatus de reflectores, até então em uso entre nós. N'esta epoca tinha voltado á direcção do ministerio da marinha, a que pertencia o serviço de pharoes, o Barão de Cotegipe, um dos mais habéis administradores, e sagazes estadistas do segundo imperio, que me encarregou de contractar na Europa a construcção de nove pharoes de torres metallicas e de varias ordens, para serem erigidas em: Paranaguá, na provincia do Paraná, Espirito Santo, na do Espirito Santo, Itapoan na da Bahia, embocadura do Rio de S. Francisco na das Alagoas, Olinda, na de Pernambuco, Cabedelo, na da Parahyba, barra do Rio Grande do Norte, na do Rio Grande do Norte, Mcuripe, na do Ceará, Parnahyba, na do Piahy. Contractei a construcção e fiscalisei a execução destes pharoes, e comprei mais um apparatus dioptrico para a barra do rio Jaguaribe, que banha a cidade do Aracaty. Todos estes pharoes foram levantados sob minha direcção nos pontos da costa a que eram destinados. Em quanto dirigia estes trabalhos, organisei um regulamento para a creação de uma repartição de pharoes, importante serviço internacional que não tinha organisação alguma. A

instabilidade dos ministros, no parlamentarismo ou falsificação do systema parlamentar, que floresceu no segundo imperio, e que tanto mal causou ao Brazil, impedio a realisação de tão util medida. Os successores do Barão de Cotegipe não pensavam naturalmente como elle, ex. o conselheiro Joaquim Delphino Ribeiro da Luz, filho da provincia de Minas Geraes, provincia central, e um dos numerosos ministros da marinha que não sabiam o a, b, c, da marinha, como teve o civismo de dizer o almirante Joaquim José Ignacio, depois visconde de Inhaúma (um dos raros almirantes, que dirigiram os negocios da marinha no segundo imperio), a uma camara composta quasi inteiramente de bachareis em direito, sendo os ministros tirados das maiorias parlamentares em attenção á capacidade especial. Assim, eram nomeados simples bachareis em direito, muitos dos quaes «faziam da politica sua industria», na phrase de Tayllerand, ministros não somente das pastas politicas: imperio, justiça e negocios estrangeiros, mas tambem das pastas especiaes, como fazenda, obras publicas, guerra e marinha. O conselheiro Joaquim Delphino Ribeiro da Luz dispensou-me da commissão de pharoes de que me havia encarregado o Barão de Cotegipe, e dei-xei o serviço publico.

No tempo em que servi no ministerio da marinha fui incumbido de examinar o porto de Macahé e propor o seu melhoramento. Aconselhei a mudança do porto para a enseada de Imbetiba, contigua ao antigo porto, e que reunia melhores condições para a construcção de um moderno porto de commercio.

Em 1871, espousei, no Rio de Janeiro, D. Francisca Miquelina de Souza Rezende, filha legitima do capitão da guarda nacional Luiz Ribeiro de Souza Rezende, que servio como voluntario na guerra contra o Paraguay, e de D. Genebra de Souza Queiróz de Rezende, sua prima. São seus avós, da parte paterna, Estevam Ribeiro de Rezende, Marquez de Valença e D. Ilidia Mafalda de Souza Queiróz, Marqueza de Valença, sua mulher, e da parte materna, o coronel Francisco Ignacio de Souza Queiróz, fidalgo da Casa Real Portugueza e D. Francisca Miqueli-

na de Souza Queiróz, sua mulher; são seus bisavós da parte paterna o coronel Severino Ribeiro de Rezende, de nobre familia de Lisboa, e D. Josepha Maria de Rezende, de abastada familia de Minas Geraes, sua mulher, e da parte materna, o brigadeiro Luiz Antonio de Souza Queiróz, de rica familia de S. Paulo, e D. Genebra de Barros Leite de antiga e nobre familia de S. Paulo, de origem Portugueza. Tendo D. Genebra de Souza Queiróz fallecido quatro annos depois do seu casamento, o Marquez e a Marqueza de Valença quizeram que sua neta fosse educada por elles.

O Marquez de Valença foi um dos grandes colaboradores do príncipe D. Pedro, depois D. Pedro I, Imperador do Brazil, na fundação da nossa nacionalidade. Era formado em direito pela universidade de Coimbra, e começou a sua carreira de magistrado, em Portugal, como juiz de fora de Palmella. Pouco depois da invasão dos Francezes em Portugal, sob Napoleão, e a retirada para o Rio de Janeiro do príncipe regente D. João, regressou á sua patria Estevam Ribeiro de Rezende, tendo recebido a condecoração do habito de Christo pelos serviços que prestou como magistrado, durante a invasão. Chegando no Rio de Janeiro, foi Estevam Ribeiro de Rezende nomeado juiz de fora da capital de S. Paulo e provedor de defuntos e auzentes. O seu tino administrativo e a sua honradez o fizeram escolher pelo governo para exercer o lugar de fiscal dos diamantes da provincia de Minas Geraes, serviço publico que tinha caído na maior desordem e delapidações. Antes de sua partida para Minas Geraes foi nomeado desembargador da relação da Bahia, e em 1818 desembargador da casa de supplicação. Levado pela força dos acontecimentos, e naturalmente pela ambição nobre de fundar um grande imperio em uma das ricas e vastas regiões da America do Sul, descoberta por seus antepassados, D. Pedro se poz á testa do movimento de separação do Brazil de Portugal e independencia da antiga colonia.

Formou-se então junto do príncipe um conselho de procuradores de cada uma das provincias, para informar

o príncipe, guiar o movimento e conservar unido o vastíssimo e apenas povoado território do Brazil; Estevam Ribeiro de Rezende foi o procurador da provincia de Minas Geraes, sua provincia natal. Surgindo acções de discordia na provincia de Minas Geraes, resolveo D. Pedro partir para aquella provincia acompanhado por Estevam Ribeiro de Rezende revestido do cargo de ministro de todas as pastas, sendo o decreto de sua nomeação escripto pelo proprio D. Pedro, príncipe regente (1).

Serenados os animos, procedeo-se á eleição da assembléa constituinte para formular a constituição do nascente imperio, e Estevam Ribeiro de Rezende foi eleito deputado pela provincia de Minas Geraes. Dissolvida a assembléa constituinte, rebentou a revolução na provincia de Pernambuco, seguida por graves perturbações em outras provincias. O governo teve então antes de tudo de cuidar no restabelecimento da ordem publica, e Estevam Ribeiro de Rezende foi escolhido para o cargo de intendente da policia da Côrte. O autor do «Esboço Biographico» assim se exprime sobre o modo como exerceo o respeitavel magistrado este importante cargo: «Quão digno foi dessa ardúa missão, quão habilmente a soube desempenhar provam-n'ó de sobejo os resultados: a ordem não foi alterada na capital nem houve necessidade de violencias e de rigores para acalmar os espiritos». No fim de sua carreira de magistrado Estevam Ribeiro de Rezende fez parte do desembargo do paço, e foi membro honorario d'aquelle tribunal soberano. Em 1826 aposentou-se. Fez parte como ministro do imperio do gabinete de 14 de Outubro de 1824, já agraciado com o titulo de Barão de Valença com grandeza. Foi de novo eleito deputado á primeira assembléa legislativa, e seu nome fez parte das listas triplices ao cargo de senador pelas provincias de Minas Geraes e de S. Paulo. Escolhido senador, optou por sua provincia natal, e foi senador da provincia de Minas Geraes. No mesmo anno de 1826, seu

---

(1) Esboço Biographico--O Marquez de Valença--Rio de Janeiro, 1856.

titulo foi elevado a Conde, e dirigio como ministro a pasta da justiça no gabinete de 12 de Maio. Em 1827, foi nomeado conselheiro de estado honorario, e em 1841, foi escolhido por seus pares para presidir o senado. F.m. 1848, D. Pedro II, visitando os principaes municipios da provincia do Rio de Janeiro, hospedou-se, em Valença, na casa do Conde de Valença, cujo titulo foi elevado a Marquez. Era condecorado com as ordens de Christo e do Cruzeiro, e por occasião da coroação de D. Pedro II, em 18 de Julho de 1841, foi agraciado com a gran-cruz da Ordem de Christo. Falleceo em 8 de Setembro de 1856, em sua residencia no Rio de Janeiro cercado do respeito e profunda afeição de sua numerosa familia e de seus amigos.

A Marqueza de Valença é descendente de uma das mais antigas familias Paulistas, de nobreza Portuguesa. Pedro Vaz de Barros e seu irmão Antonio Pedroso de Barros vieram para a capitania de S. Vicente e S. Paulo em 1607. Antonio Pedroso de Barros era provido em capitão-mor, e seu irmão Pedro Vaz de Barros era ouvidor da mesma capitania, devendo por morte de um delles o outro assumir os dous cargos, conforme consta da carta patente passada em Lisboa, em 1605, que está registrada no archivo da camara municipal de S. Paulo. D. Genebra de Barros Leite, filha do capitão Antonio de Barros Penteadado, cazou-se, em 1797, com o brigadeiro Luiz Antonio de Souza Queiróz, fidalgo com brazão d'armas, e teve seis filhos, entre elles D. Ilidia Mafalda de Souza Rezende, depois Marqueza de Valença. D. Genebra de Barros Leite foi casada em segundas nupcias com José da Costa Carvalho, depois Marquez de Monte Alegre, um dos regentes do imperio. A Marqueza de Valença era senhora de grandes virtudes, elevado sentimento religioso, muita bondade e distincção. Era dama honoraria da Imperatriz D. Theresa Christina. Jamais necessitado algum soccorreo-se a ella sem ser attendido. Decretada a liberdade, ao nascer, dos filhos das mulheres escravas, a Marqueza de Valença deo 40:000\$000 para fundação de um asylo para a educação dos ingenuos, no collegio da Immacula-

da Conceição, em Botafogo, e deo tambem 12.000\$000 para a construcção de uma capella no mesmo collegio. Residindo temporariamente em Castelnau d'Estretfonds, perto de Toulouse, em França, na occasião de uma das enchentes do rio Garonne, que banha aquella cidade, a Marqueza de Valença deo 10.000 francos para aliviar os soffrimentos das victimas da inundaçào. Mais um traço do character generoso da veneranda senhora. O frade capuchinho Vital de Oliveira, ao terminar seus estudos em Roma, dirigio uma carta á Marqueza de Valença, que não o conhecia, e a quem elle conhecia somente de nome, pedindo o favor de lhe mandar pagar a sua passagem de volta para o Brazil; a Marqueza de Valença mandou-lhe logo a quantia necessaria para as despesas da viagem, em primeira classe, e o capuchinho Frei Vital de Oliveira, agradecendo o favor, pedio para devolver a differença entre as passagens de primeira e segunda classe, dizendo que lhe bastava uma passagem de segunda classe. Este capuchinho foi depois D. Frei Vital de Oliveira, muito digno bispo de Olinda, que soube resistir, com sacrificio de sua liberdade, á intrusão do governo imperial, o poder civil, no dominio da Igreja. O mundo Christão se achava então batido por uma dessas lufadas do vento da impiedade, que o miseravel orgulho humano aproveita estultamente para abalar a Igreja de Deus! Este movimento de impiedade e perseguição á Igreja de Jesus Christo teve começo então na Allemanha, e repercutio logo no Brazil; mas passou como passam todos os ventos bons e maus, e a Igreja Catholica continua, e continuará a trabalhar, desveladamente e eternamente, para a salvaçào das almas e a felicidade dos homens neste mundo.

A Marqueza de Valença fundou tambem a associaçào das servas do Senhor, cujo fim é fornecer paramentos e roupa ás Igrejas pobres e tratar dellas. Nos ultimos annos de sua vida teve a boa senhora o grande pezar de perder tres filhas, golpe a que seu coração de mãe extremosa não pôde mais resistir. Além da morte de seu marido, a quem muito amava, a Marqueza de Valença teve o grande pezar de perder oito filhos dos quatorze com

os quaes a Providencia abençoou o seu casamento. Falleceu em 24 de Julho de 1877, na casa da sua residencia no Rio de Janeiro, rodeada e pranteada por sua familia e seus amigos

Em 1860, minha Mulher que tinha então nove annos de idade, acompanhou sua Avó para a França. Fez sua educação em Paris, e completou-a em Londres, no collegio do *Sacred Heart*, o primeiro estabelecimento religioso de educação para meninas. Devo á minha querida Mulher, alem de quarenta annos de felicidade conjugal, o inestimavel beneficio de haver desenvolvido a minha educação religiosa, apenas esboçada na minha infancia. Não quiz a sorte que eu tivesse uma mãe, para me ensinar os principios da nossa religião, e guiar os meus primeiros passos na vida. Coube-me o grande infortunio, que cabe a muito poucos, de perder minha mãe, na idade de dois annos, e faltou-me depois, como falta desgraçadamente ás creanças no Brazil, o ensino religioso, complementar do ensino materno, que recebem as creanças em todos os paizes civilizados. Nos paizes da Europa e nos Estados Unidos da America, que conheço por haver nelles residido, vi o clero, fosse qual fosse a creança que personificasse, cuidar seriamente, com todo zelo, na educação religiosa das creanças. Nas Igrejas e Templos de todas as denominações, tanto nas grandes capitaes como nas mais pequenas aldeias, os padres ou pastores instruem, aos domingos, todas as creanças, ricas e pobres; e os pais se julgam tão moralmente obrigados a fazer seus filhos adquirir esta instrucção, como são legalmente obrigados a mandal-os frequentar as escolas primarias; pois a religião é sem contestação possivel o principal agente na formação do character dos homens, assim como o character é a base segura da grandeza das nações. Smiles, no seu bello livro «O Character», que li em minha mocidade com intenso prazer, e livro que todo moço deve ler, escreveo «A prosperidade de um paiz não depende da abundancia de suas rendas, nem do poder de suas fortificações, nem da belleza de seus edificios, porém do numero de seus cidadãos instruidos, de seus homens de educação, de instrucção e

de caracter, n'estes reside seu verdadeiro valor, sua principal força, seu poder real». Desejo ardentemente que o clero do meu paiz siga o exemplo do clero de todas as nações civilisadas. São palavras de Montesquieu no espirito das leis: «A religião Christian, que parece não ter por objecto senão a felicidade da outra vida, faz ainda a nossa felicidade nesta».

Continuemos a narrativa de minha obscura vida publica. Não eram somente os trabalhos de minha profissão que me occupavam. Quando me achava na Inglaterra no desempenho da commissão de pharoes, appareceu publicado o interessante livro: «*A Journey in Brazil*» por M.<sup>m</sup> et M. Louis Agassiz, livro que foi logo traduzido em Francez. N'esta obra, além do estudo scientifico, consagrou o professor Agassiz o ultimo capitulo, intitulado «Impressões Geraes» a um exame do estado politico e social do Brazil, onde se encontram observações de grande peso, e que se tivessem sido attendidas pelos nossos governantes e pelas classes instruidas, outro seria hoje em dia o adiantamento moral, intellectual e material do Brazil; mas o indifferentismo, essa grande tacha do caracter nacional, deixou tudo desaproveitado, tudo esqueceu! Lendo com grande interesse o livro do professor Agassiz, traduzi e fiz imprimir, em Londres, com o pseudonymo «Um Brazileiro» as «Impressões Geraes», e chegando ao Rio de Janeiro mandei exemplares aos nossos homens mais notaveis, fiz expol-as á venda por preço insignificante com o fim de espalhar o conhecimento de tão uteis observações; e não se vendendo senão raros exemplares, remetti algumas centenas de brochuras, que restavam da edição, ao distincto redactor-chefe d'«O Paiz» Sr. Quintino Bocayúva, com quem entretinha relações de amizade, pedindo lhe o obsequio de mandar distribuir e divulgar. Não cabe aqui expor, mesmo resumidamente, como era meu desejo, as observações do professor Agassiz, mas não posso deixar de recomendar muito aos meus compatriotas a leitura d'aquelle interessante livro, e chamar-lhes a attenção para os assumptos tratados, sobretudo, nas «Impressões Geraes», que merecem ser tambem meditadas pelo governo da re-

publica, a fim de que as opiniões de um homem de sciencia e um grande pensador, como era o professor Agassiz, não continuem desaproveitadas e perdidas, como foram pelos governos da monarchia, com immenso prejuizo para o Brazil. Limitar-me hei em dar o conteúdo das «Impressões Geraes»: religião e clero—educação—escolas scientificas—faculdades de direito e de medecina—ensino elementar e ensino superior—bibliotheca publica e museu do Rio—instituto historico e geographico—relações sociaes e domesticas—funcionarios publicos—agricultura—zonas de vegetação—café—algodão—essencias da floresta e productos do Amazonas—gado—subdivisões do grande vale—immigração—estrangeiros—guerra do Paraguay—E, como se vê, um indice comprehensivo e instructivo.

Em 1878, meu collega e amigo, o engenheiro Dr. João Ernesto Viriato de Medeiros, que foi depois senador do imperio, pela provincia do Ceará, nossa terra natal, e exercia então o lugar de consultor do ministerio da agricultura, commercio e obras publicas, de que era titular, e ao mesmo tempo presidente do conselho, o fallecido conselheiro João Lins Vieira Cansansão de Sinimbú, depois Visconde de Sinumbú, convidou-me em nome deste para ir presidir a provincia do Ceará, cargo que muito senti não ter podido aceitar por serios motivos de familia, que não me permettiã sahir do Rio de Janeiro.

Sempre animado do grande sentimento de amor á minha patria, fiz imprimir, em Paris, no anno de 1885, outro opusculo: «Noções e Suggestões sobre o Commercio Estrangeiro do Brazil», no qual tratei dos principaes generos de nossas exportações: café, assucar, cautchuc, tabaco, algodão, etc, assim como dos meios de promover o desenvolvimento do commercio destes generos; mostrei como eram defeituosas as nossas praticas administrativas e commerciaes, baseado nas informações de relatorios dos consules estrangeiros no Brazil, e dos valiosos papeis parlamentares do governo Britannico. Agitava-se n'aquella epoca a magna questão da abolição da escravi-

dão, que deshonrou o Brazil durante mais de meio século, e o tornou excepção odiosa entre todas as jovens nacionalidades da America do Sul, que ao libertarem-se do dominio da Hespanha, sua metropole, banniram de seus territorios a instituição deshumana, ao passo que nós Brasileiros conservamos a escravidão, que herdamos dos nossos dominadores Portuguezes, até 1888, quando povo algum do mundo Christão possuia escravos. A obra da abolição começou pela provincia do Ceará, como se sabe. Tenho prazer em transcrever aqui o preliminar do citado opusculo: «Escrevi estas mal alinhavadas folhas ao ver como a emancipação dos escravos preocupava e preocupa a minha patria. Immensa alegria tive sabendo que a provincia do Ceará foi a primeira em acceper o brilhante facho de luz, que dissipou para sempre a escravidão em seu solo. Os raios da luz abençoada, rompendo caminho atravez do nevoeiro de interesses deshumanos, mesquinhos ou mal entendidos, vão penetrando por todo o paiz: a provincia do Amazonas já tambem libertou os seus escravos, e na do Rio Grande do Sul a obra da emancipação vai muito adiantada. Nas estatisticas que se publicam no mundo civilisado sobre a população escrava do Brazil (a unica nação Christian que ainda não abolio a escravidão) lê-se adiante do nome do Ceará esta honrosa nota—Livre de escravos desde 25 de Março de 1883. E foi depois de cruel calamidade, de soffrir por tres a quatro annos os horrores da sêcca e da fome, que destruíram milhares de vidas e os bens dos Cearenses, que a benemerita provincia com abnegação, coragem e philantropia, que tanto e merecidamente a elevaram na opinião dos homens de boa vontade de todas as nações, restituiu á liberdade todos os seus miseros captivos: *«Tutto quanto v' è di buono, di grande, di bello al mondo è figlio del dolore»* disse Maximo d'Azeglio. E' a lei da humanidade. Os frutos do teu grande acto de justiça e de caridade, oh! nobre terra do Ceará, tu os colherás; jamais Deus deixou sem recompensa os que seguem o exemplo e os ensinios de Jesus Christo. Filho do Ceará eu me sinto ufano e muito feliz em poder agora, comme-

morando acção tão boa e proveitosa, enviar á minha amada provincia congratulações, louvores e saudades.—Z. BARROSO. Wiesbaden, Abril, 1885.

Descrevi no mesmo opusculo a solemnidade do jubileo da «Sociedade contra a Escravidão», que teve lugar em Londres, no dia 1 de Agosto de 1884, na presença de selecta assembléa, presidida pelo principe de Galles, herdeiro presumtivo da corôa da Gran-Bretanha, que foi depois o grande rei Eduardo VII. O Conde Granville, ministro dos negocios estrangeiros, descendente de Granville Sharp, um dos grandes obreiros da emancipação dos escravos, abriu a sessão, recordando os actos do governo Inglez, que deram golpe mortal na escravidão e enumerando as nações que seguiram o exemplo da Gran-Bretanha. Falou em seguida o principe de Galles, passou em revista os paizes que tinham abolido a escravidão e accrescentou: «Quanto ao Brazil; vós sabeis provavelmente que, quando as republicas da America do Sul puzeram fim á escravidão, logo que cessou a connexão dellas com a Hespanha, só o Brazil conserva a maldição (*curse*) que herdou de seus dominadores Portuguezes. No momento presente possui ainda o Brazil perto de um milhão e meio de escravos, nas suas vastas plantações, muitos dos quaes levam uma vida peor do que a de bestas de carga». Este conceito pungente mas verdadeiro, e pungente porque é verdadeiro, a incuria de nossas camaras legislativas, filhas de um systema parlamentar corrompido pelo falseamento do voto eleitoral, n'uma população de instrucção das mais escassas, ainda hoje, no fim de quasi um seculo de vida nacional, o que fez do systema parlamentar Brasileiro um simulacro vão, occupando-se os legisladores muito mais das pequenas intrigas dos corrilhos partidarios, e apparatusas exhibições oratorias sobre o tamanho do manto de Cesar, de que das questões serias que affectam os interesses nacionaes e o renome do Brazil, levaram-me a escrever o artigo que foi publicado n'«O Paiz» do Rio de Janeiro, a 14 de Março de 1887, com o titulo «O Centenario de Colombo e o Jubileo do Imperador», artigo que o illustre redactor-chefe d'aquella folha,

Sr. Quintino Bocayúva, fez preceder das seguintes obsequiosas palavras: «O artigo que em seguida publicamos nos foi remettido, para ser publicado, pelo nosso distincto patricio e illustrado collaborador o Sr. Dr. Zozimo Barrose. Dando cumprimento ao desejo do nosso laborioso compatriota, que, ainda longe do Brazil, tem a preocupação do engrandecimento da sua patria, e a ella consagra os seus estudos, o seu trabalho e as suas saudades, temos prazer em renovar-lhe a expressão da nossa amizade, e do nosso apreço particular». N'este artigo, depois de tocar nos males sem conta que trazem á familia, ás instituições, ao trabalho e á vida nacional a immoralidade e a corrupção tão inseparaveis do captivo como o descontentamento, os soffrimentos e a abjecção, recordei as affrontas feitas ao pavilhão nacional—o *bill Aberdeen*, expuz o facto lamentavel de não ser o nosso parlamento a expressão da vontade nacional, já pelo viciamento sabido do voto eleitoral, já pela falta de educação do povo Brasileiro analphabeto em grande maioria, e pedi que se abrisse, se preciso fosse, um plebiscito na imprensa de todas as provincias, nos centros intellectuaes do paiz, as academias, as associações scientificas e litterarias, no exercito, na marinha, no commercio e na propria agricultura, e o resultado em favor da abolição não seria duvidoso. Appellei então para o Imperador, directamente, rogando-lhe que proclamasse a libertação dos escravos, e inscrevesse assim o seu nome respeitado no rol dos dictadores do bem, aos quaes nunca faltaram o apoio e as bençãos da humanidade. Terminei com o verso do poeta immortal:

*«I know what's right, nor only so ;  
But also practice what I know».*

«Eu sei o que é direito, não somente eu sei ;  
Mas tambem pratico aquillo que eu sei».

Em 13 de Maio de 1888, foi finalmente decretada a libertação dos ultimos escravos Brasileiros, votada muito a custo pelas duas camaras legislativas. Desappareceu a

instituição que, na phrase do professor Agassiz, «ia proseguindo, sem parar, sua marcha infernal: a depravação e o enervamento dos brancos e dos negros juntamente». Mas os funestos effeitos da escravidão não desapareceram, e nem podiam desaparecer, com a decretação da abolição; será isso obra lenta do tempo, que só poderá ser apressada pelo esforço patriotico dos Brasileiros, e deve ser apressada.

Collaborei em varios papeis publicos com a minha assignatura e sob pseudonymos diversos: «Jornal do Commercio», «O Paiz», «A Reforma», «O Tempo», do Rio de Janeiro; e folhas especiaes: «A Immigração», orgão da Sociedade Central de Immigração, fundada por Tavares Bastos e composta de Brasileiros e Estrangeiros, e que foi depois presidida pelo general de Beaurapaire de Rohan, tendo como membros preeminentes meu caro e saudoso amigo o engenheiro André Rebouças e o engenheiro Escragnolle Taunay, depois Visconde de Taunay, sociedade que prestou bons serviços á immigração e ao Brazil; «Revista de Engenharia», redigida pelo engenheiro Americo dos Santos.

Em 1888, deixei o Rio de Janeiro, cujo clima era desfavoravel á minha saúde, e mudei-me para a cidade de S. Paulo, onde exerci o emprego de engenheiro fiscal da estrada de ferro S. Paulo Railway, e de chefe da fiscalisação das estradas de ferro do Estado de S. Paulo, por parte do governo da União. N'esta qualidade tive de intervir na adopção de duas medidas de que vou falar pelas circumstancias que as acompanharam e que não deixam de ser curiosas. A primeira foi a abertura da rua, que isola hoje a estação da estrada de ferro S. Paulo Railway pelo lado do passeio publico, a que estava antigamente unida. Esta medida era reclamada pelo serviço da estrada de ferro, e o bem publico, a fim de se abrir uma passagem aos habitantes do quarteirão do Bom Retiro, quasi todos operarios, que só podiam ir para o seu trabalho, atravessando os trilhos da estrada de ferro, o que occasionava, ás vezes, accidentes e mortes. Cada vez que se dava um accidente falava-se e escrevia-se sobre o

caso, e depois, do mesmo modo que «no quartel general de Abrantes continuava tudo como d'antes». Os operarios, desesperados, mais de uma vez se tinham armado com foices e picaretas e abatido o muro do jardim e cortado arvores, para se abrirem uma passagem livre de perigos. Pouco tempo depois que tomei conta da fiscalisação da estrada de ferro foi uma pobre mulher esmagada por uma locomotiva; propuz immediatamente ao presidente da provincia as medidas necessarias para fazer cessar a reproducção destes deploraveis accidentes, medidas expostas no parecer do engenheiro da camara municipal da cidade de S. Paulo, engenheiro da estrada de ferro Sorocabana e engenheiro fiscal da estrada de ferro S. Paulo Railway, que examinaram este assumpto conjuntamente, conforme minha proposta ao presidente da provincia. Na forma do costume o presidente guardou os papeis para reflectir . . . e nada resolver. Sobreveio a proclamação da republica, e fez parte do governo de S. Paulo meu antigo camarada, tenente-coronel do corpo de engenheiros Souza Mursa; pedi-lhe que não deixasse mais se arrastar uma medida tão insignificante, em summa, e tão necessaria. Elle convenceo, ao que parece, seus dous companheiros do governo, e tive o prazer de assignar, como engenheiro fiscal da estrada de ferro S. Paulo Railway, um contracto com o superintendente da mesma estrada, para a abertura da nova rua e outras obras complementares. No momento de assignar-se o contracto appareceu uma difficuldade, que felizmente foi resolvida no bom sentido. O governador ou presidente do Estado de S. Paulo, o fallecido Sr. Prudente de Moraes, de respeitavel memoria, observou que dependendo a estrada de ferro de S. Paulo Railway do governo central era preciso uma autorisação do ministro da industria e viação da republica, eu ponderei que sendo as obras propostas necessarias ao serviço da estrada de ferro, e reclamadas tambem, para se evitarem accidentes e mortes de pessoas, que habitavam um quarteirão da cidade de S. Paulo, e não trazendo este melhoramento encargo algum ao thesouro, pois as despezas seriam feitas pela estrada de ferro, e por conta de suas

obras, eu tomava a responsabilidade de assignar o contracto como engenheiro fiscal da estrada de ferro, e submetteria depois o negocio á approvação do ministro no Rio de Janeiro. E no entanto o contracto ficava feito e as obras podiam ser logo começadas. O presidente do Estado de S. Paulo annuo, e o contracto foi assignado, e o melhoramento foi realisado; não ficou somente no papel. Vim a saber mais tarde que não era esta a primeira vez, que este melhoramento tinha sido tentado, sem resultado, devido á opposição que lhe fizeram homens influentes de S. Paulo. «As nações, como os individuos, tem suas escrofulas hereditarias», disse Taine. A desconfiança, as prevenções contra o estrangeiro são, não se pode negar, uma dessas escrofulas. Tive occasião de assistir, na febre das copiosas emissões de papel-moéda, das especulações e agiotagens, que são consequencia infallivel, e que mancharam o advento da republica Brasileira, a uma reunião de fazendeiros e capitalistas de S. Paulo. que se propunham a comprar a estrada de ferro S. Paulo Railway, ou estrada de ferro Inglesa, como era commumente chamada; projecto que não passou dos discursos pronunciados na dita reunião. Que contraste entre este espirito *nativista*, que nada tem de patriotico, que differe tanto do patriotismo como a noute do dia, do espirito intelligente, liberal, generoso do povo Norte-Americano, que considera o estrangeiro, o Europeo, que procura o seu paiz, como um agente de trabalho, uma força de progresso, um futuro cidadão Americano! Este elevado ponto de vista da immigração tem sido até hoje totalmente desconhecido dos nossos governantes. A immigração no Brazil tem se limitado á acquisição de trabalhadores agricolas—braços á lavoura, é a fórmula que exprimia e exprime a concepção de ministros e homens influentes. Os homens de estado e o povo Americano viram em todos os tempos, e veem ainda hoje nos bons immigrants Europeos futuros cidadãos Americanos, como acabei de dizer. Duvergier de Hauranne no seu livro, «Oito mezes na America», um dos melhores estudos que eu conheço sobre os Estados Unidos, encantado com a onda da immigração Europea

de varias nacionalidades, que elle vio se encaminhando para o *Far-Ouest* Americano, escreveu: «A America é o cadinho onde todas as nações do mundo vem se refundir e vasar em um molde uniforme. E' o mundo do futuro». Estas palavras propheticas foram escriptas, em 1866, isto é, ha menos de meio seculo, o periodo de um dia na vida das nações; e presentemente, a grande republica fundada por Washington ostenta os seus progressos incomparaveis, com uma população acima de noventa milhões de habitantes, em muito grande parte de origem estrangeira, seu poder, sua força e sua influencia legitima na politica do mundo. E' uma das grandes nações.

Como seria, hoje em dia, bello, magnifico o desenvolvimento geral do Brazil, possuindo, como possúe, um territorio dos mais vastos, e de riqueza natural superior a dos Estados Unidos (1), se tivéssemos comprehendido e praticado a immigração n'um espirito intelligente e generoso, em uma palavra n'um espirito Americano, e não na pratica Portugueza, que tem dirigido os nossos governantes, desde a descoberta do Brazil, apesar dos meios da civilização, apesar das facilidades e rapidez nas communicações, apesar do telegrapho, apesar de tudo! E' preciso que nos convençamos de uma vez, que sem a immigração de bons trabalhadores, de todas as categorias, sobretudo de homens pertencentes ás raças fortes, resistentes e perseverantes do Norte da Europa, o nosso caro Brazil jamais gozará dos verdadeiros progressos da civilização moderna, que não são somente materiaes, mas sobretudo intellectuaes e moraes; ou tel-os-ha em um futuro que não é dado calcular; e não será certamente n'um periodo de pouco mais de quatrocentos annos, que é a idade nacional dos Estados Unidos, e nem apresentará

---

(1) O Professor Agassiz escreveu sobre o valle do Amazonas, que elle visitou em 1866, o seguinte: «Um imperio se poderia considerar rico se possuísse somente uma das fontes de industria que abundam neste valle!» Entretanto a maior parte destas riquezas maravilhosas apodrece no solo, vai formar um pouco de limo ou tinge as aguas á borda das quaes estes productos sem numero se perdem e se decompõem.

tambem no espaço de pouco mais de um seculo, que é o tempo da existencia da Argentina como nação (quasi a mesma idade da nação Brasileira), os progressos admiraveis do povo Argentino, da mesma raça que nós, convem não esquecer Não visitei a Argentina, mas tenho acompanhado, como posso, seus progressos, com o sentimento que inspira a um Sul-Americano tudo quanto respeita a esta metade do continente da America, e particularmente a uma nação vizinha, amiga da nossa nação, e a um povo Latino como nós somos tambem. Não tenho embaraço algum em confessar que são admiraveis os progressos realizados pelo povo Argentino, desde que prestou ouvidos a estas palavras de seu illustre compatriota, general Mitre: «O peor governo é melhor do que a melhor das revoluções», fechou o periodo nefasto das lutas á mão armada, das violencias e desordem politica, que estão hoje, incomprehensivelmente, affligindo o Brazil, e dedicou-se seriamente aos trabalhos da paz. O leitor amigo me relevará transcrever aqui alguns extractos da opinião de um homem de sciencia eminente, o Professor Widal, da escola de medecina de Paris, que foi recentemente á America do Sul examinar suas escolas de medecina, suas clinicas, seus laboratorios e hospitaes. Este parecer do Professor Widal foi publicado no «Figaro» de Paris, em 19 de Novembro de 1911. Sobre a Argentina disse o Professor Widal: «A Faculdade de Medecina de Buenos Aires é sumptuosa, possui uma bibliotheca modelo, laboratorios e amphitheatres adaptados a todas as necessidades do ensino moderno. Tudo está organizado com um espirito de methodo tão notavel, que torna singularmente facil a tarefa dos estudantes. Quem quizer, d'aqui em diante, edificar uma escola de medecina deve ter em conta a de Buenos Aires». O louvor não pode ser maior. Falou em seguida da escola de medecina de Montevideo: «onde professam tres antigos internos dos hospitaes de Paris». No Chile, continúa o Professor Widal: «achei tambem excellentes professores, e as Faculdades bem organizadas correspondem perfeitamente ás necessidades do paiz». Em ultimo lugar mencionou o

Professor Widal a escola de medecina do Rio de Janeiro nestas palavras: «No Rio de Janeiro tudo está para se fazer, mas sob o impulso do decano, Sr. Sodré, se prepara uma escola que não cederá em cousa alguma ás suas irmas da America do Sul». Deixemos de lado o cumprimento e a animação filhos da conhecida polidez Franceza, contidos na ultima parte deste conceito, e relevemos a affirmação clara e positiva: «no Rio de Janeiro, tudo está para refazer». Não se pode dizer, infelizmente, que a esta affirmação falta veracidade; não somente no que respeita ao ensino, mas até nos elementos essenciaes á vida de uma nação: um governo effectivo em todos os seus ramos, e sobretudo, um exercito e uma marinha disciplinados, fieis ás instituições, e seus officiaes estudiosos e applicados exclusivamente aos deveres de sua nobre profissão. Quem observa, como eu tenho observado em minha vida já bastante longa, a marcha do ensino publico entre nós, não pode deixar de reconhecer que elle tem baixado, em vez de se ter elevado progressivamente, como era natural. Em 1868, o Professor Agassiz, uma das maiores notabilidades, na sciencia como no ensino, deplorou que o ensino na escola de medecina e na escola central do Rio de Janeiro se fizesse mais por meio de livros em vez de factos, e disse: «os professores não parecem ter comprehendido que as sciencias physicas não se ensinam unicamente ou principalmente por meio de manuaes; disse ainda. «os professores conhecem mais a bibliographia estrangeira do que as riquezas naturaes do seu incomparavel paiz». A mim disse o Professor Agassiz: «Os Senhores vivem comendo o pão que os outros amassaram». Haverá alguém, de boa fé, que não reconheça a verdade destes conceitos? Mais de uma vez, em artigos publicados nos papeis publicos chamei a attenção de meus compatriotas sobre as vantagens de mandar contractar bons professores estrangeiros para ensinar certas materias dos cursos de nossas Faculdades; citei o exemplo da Suissa, esta antiga e respeitada republica, pequena em extensão territorial, mas que nada tem a invejar, em materia de ensino, ás grandes nações do globo; lem-

bro-me ter escripto que não obstante não faltarem economistas na Suissa, o governo do cantão de Vaud, um dos cantões mais instruidos, contractou o Professor Leon Walrass, notavel economista Francez, para ensinar economia politica na universidade de Lausanne, e quando este professor teve de se retirar do ensino, nomeou para substituil-o o Professor Wilfrido Pareto, economista Italiano. Agassiz, Suiso de nacionalidade, foi convidado pelos Americanos para leccionar na universidade de Haward, a mais importante e illustre das universidades Americanas. Acabamos de ver que a republica do Uruguay tem na sua Faculdade de medecina, em Montevideo, tres professores Francezes. Os jornaes de 15 de Janeiro de 1912 annunciaram a nomeação da senhorinha Gertrudes Woker, de nacionalidade Suissa, *privat docent* de historia da physica e chimica e de biologia physico chimica na Universidade de Berna, para o cargo de professora adjunta de physica na universidade Alleman de Leypsig. Não serão por ventura estes exemplos dignos de ser seguidos no Brazil? Ou será melhor, mais vantajoso á nossa nação, continuarmos com um ensino manco, feito por «professores que conhecem mais a bibliographia estrangeira do que as riquezas naturaes do seu incomparavel paiz», na phrase do professor Agassiz? A vida intellectual do Brazil é ainda rudimentar e limitada, muito mais do que era permitido no fim de quasi um seculo de existencia nacional; as nossas escolas falta o espirito de progresso, de marcha sempre ascendente, que tem os estabelecimentos de ensino em todo o mundo civilisado. Nenhuma nação esquece o conselho de Humboldt, o reorganizador da instrucção na Prussia: «Não se deve deixar as escolas e universidades cahir em monotona e impotente rotina, deve-se pelo contrario elevar, por intermedio dellas, cada vez mais alto, a cultura intellectual de uma nação».

Relevem-me dizer que considero um desserviço feito ao Brazil a multiplicação das escolas de direito, escolas livres, escolas de diletantismo scientifico, que, depois do advento da republica, surgiram em todos os Estados Brasileiros, como cogumelos depois de uma chuva de

verão. Deve ser enorme o numero de bachareis em jurisprudencia, formados n'estas escolas, annualmente. Só um pequeno numero destes moços poderá ser empregado em preencher as vagas da magistratura, alguns irão se occupar de advocacia, mas o grande numero, o maior numero, comporá a legião de pertencentes e occupantes de empregos publicos, que oneram sobre maneira o thesouro, sem vantagem, e antes com prejuizo do publico serviço; pois não são precisos bachareis para bem desempenhar os cargos publicos, mas homens que tenham a instrucção justamente necessaria para a funcção de cada emprego (1). O Professor Agassiz escreveu no seu valioso livro, mais de uma vez citado: «Fiquei surprehendido de achar, quasi invariavelmente, jovens advogados á testa da administração das provincias, em vez de homens praticos, familiares com os interesses do commercio e da industria», e ajuntou: «A importancia exagerada que se dá aos empregos publicos é uma desgraça». O que precisamos, hoje sobretudo que adoptamos a forma de governo republicana, não são escolas de bachareis, mas escolas technicas, escolas industriaes, escolas de agricultura, escolas commerciaes, e de artes e officios; a educação em taes escolas, dada por professores capazes, prepara os moços a trabalhar e ganhar a vida com facilidade e independencia, torna-os cidadãos uteis, e não mendicantes de empregos publicos, mercadores da politica, capangas eleitoraes, agentes de desordem e até de crimes. Se eu podesse ser ouvido pelos governadores dos Estados Brasileiros, pedir-lhes-ia que mandassem um homem competente á Suissa e á Belgica estudar a organização e o funcionamento d'aquellas escolas, e contractar alguns professores para organisal-as em cada Estado. Devo insistir sobre a escolha de

---

(1) Quando eu servi no ministerio da marinha, foi nomeado porteiro d'aquella repartição um bacharel em direito. Certamente, aquelle emprego seria muito melhor servido por um homem que tivesse habilitações mais modestas, porem apropriadas ao cargo. «*The right man in the right place*», «o homem proprio para o lugar», é o que ensinam o bom senso e o tino administrativo dos Inglezes.

homens competentes, de capacidade provada, e não de moços protegidos, como os que são de ordinario commisionados pelos governos da União e dos Estados nas grandes capitães da Europa, moços que não precisam estudar para saber, e basta-lhes visitar uma cidade para conhecer todo um paiz, e discorrer peremptoriamente sobre todos e sobre tudo. Prefiro para nós a Belgica e a Suissa, porque são paizes liberaes ambos, e da mais adiantada civilisação e cultura intellectual, sem o fausto das tradições aristocraticas, e sem a riqueza dos Estados Unidos. No emtanto nos Estados Unidos encontrarão os moços exemplos de trabalho, de estudo serio, exemplos de energia, perseverança e ousadia inventiva, que não possuem as velhas nações da Europa. E' absolutamente necessario cuidarmos com todo desvelo da boa educação da mocidade Brasileira. Não me lembro que escriptor illustre disse: «E' muito mais da educação dos moços do que de exhortações a homens feitos que se pode esperar a reforma e o aperfeiçoamento dos costumes de uma nação». E o aperfeiçoamento dos nossos costumes é indispensavel, é urgente e muito urgente; basta pensar que descendemos de Portuguezes, e que Portugal é ainda hoje uma das nações menos adiantadas do continente Europeo, com uma enorme proporção de analfabetos em sua população; ajunte-se a isto, o regimen da escravidão nefanda que herdamos de nossos conquistadores Portuguezes, e que não tivemos a coragem e o patriotismo, que tiveram os Hespanhoes da America, que libertaram os seus escravos, no momento em que se libertaram, elles mesmos, do dominio da velha Hespanha. Nós conservamos os nossos escravos por mais de meio seculo, depois de constituida a nossa nacionalidade. Estes factos devem estar sempre presentes aos olhos dos Brasileiros que reflectem.

Na immigração, que tanto interessa o futuro das nações novas da America, a Argentina nos tem tambem exceedido e muito. Mencionarei somente um facto demonstrativo da capacidade dos governos Argentino e Brasileiro em assumpto de tanta importancia. Em 1818, começou o Brazil a promover a immigração de Europeos. O

governo de D. João VI contractou no Rio de Janeiro com um agente Suíço o estabelecimento na provincia do Rio de Janeiro de um certo numero de familias do Cantão de Friburgo, com as quaes se fundou, mais correcto será dizer, se pretendeo fundar a colonia intitulada Nova Friburgo, da qual resta somente o nome. Esta fundação foi simplesmente um desastre. A'quelles que desejarem conhecer os detalhes deste ensaio colonial, o descontentamento, os soffrimentos dos infelizes immigrants, e a falta de fé do governo em cumprir suas promessas, peço que leiam a «Noticia da colonia Suíça e Alleman fundada em Nova Friburgo», por João Lins Vieira Cansansão do Sinimbú, que foi depois Visconde de Sinimbú, e um dos mais respeitaveis estadistas do segundo imperio, brochura impressa no Rio de Janeiro, em 1852, e «O Brazil— Colonisação e Emigração», por Augusto de Carvalho —Porto, 1876. O desastre desta fundação afastou naturalmente por longos annos do Brazil os excellentes immigrants Suíços. Nos annos de 1850, seduzidos pelas promessas e propaganda, que o governo Brasileiro mandava fazer na Europa, de vez em quando, sem methodo algum e variando com a ideia de cada ministro, afim de angariar «braços á lavoura», recommçaram os trabalhadores Suíços a se dirigir para as provincias do Sul do Brazil, até que em 1860 levantou-se na imprensa Suíça grande clamor sobre «os Suíços escravizados nas plantações Brasileiras». O governo da Confederação nomeou o Sr. Tshudi, artigo diplomata, para ir ao Brazil investigar os factos. O enviado Suíço visitou todas as colonias e fazendas em que se achavam seus compatriotas. Negou logo a calumniosa accusação de escravisação, mas com a imparcialidade de um homem de seu caracter, referio grandes faltas e abusos na administração de colonias pertencentes ao Estado, e consequentes decepção e soffrimentos dos immigrants, particularmente nas colonias da provincia do Espirito Santo. tanto do Estado como de particulares; assim como louvou o tratamento dos immigrants estabelecidos em fazendas da provincia de S. Paulo, pertencentes a membros das familias Souza Queiróz e

Queiróz Telles, mencionando a fazenda de S. Lourenço, propriedade do Commendador Luiz Antonio de Souza Barros, irmão do senador Souza Queiróz, «fazenda que pode ser tida por modelo», disse o Sr. Tshudi. Não sei se o governo teve conhecimento do relatório do Sr. Tshudi, em todo o caso o publico não teve, como era preciso. De volta ao Rio de Janeiro, em 1888, li, em uma das sessões da Sociedade Central de Imigração, o que continha de mais importante, para nós, o relatório do enviado Suíço, fazendo as devidas considerações. Este trabalho foi publicado no periodico «A Imigração», dos mezes de Setembro, Outubro e Dezembro d'aquelle anno. O que é certo é que nada se fez para corrigir os abusos e as faltas, e os bons immigrants Suíços abandonaram, de vez, o Brazil, e encaminharam-se para a Argentina. Como foram ali recebidos a tratados prova o facto de possuir presentemente a Argentina 280000 Suíços estabelecidos em seu territorio, agentes muito apreciados de trabalho e progresso. A colonia Suíça na Argentina conta dous orgãos na imprensa de Buenos Aires: «*Le Courrier Suisse du Rio de la Plata*» e «*Le Courrier Suisse de Buenos Aires*». Esta é a verdadeira, a boa imigração, como sempre praticaram os governos dos Estados Unidos da America, como está praticando o governo da Argentina; e, tenho sincero pesar em dizer, como nunca souberam praticar os governos do meu paiz. Acrescentarei, que o governo da Confederação Suíça acaba de elevar o character do seu representante junto ao governo da republica Argentina a ministro plenipotenciario; na apresentação de suas novas credenciaes, o Sr. Dumond, representante da Suíça, e o presidente da Argentina, Sr. Saenz-Peña, trocaram palavras as mais cordiaes. Não posso deixar este assumpto, que julgo, como já disse, muito importante, essencial ao futuro de nossa patria sem registrar que, até 1893, tinham nossos governos fundado nas provincias do Sul do Brazil 308 colonias e nucleos coloniaes (este numero foi apanhado em publicações officiaes). Que restará de todas estas fundações? Quantos milhares de contos de réis teriam ellas custado ao thesouró? Ninguem se deo ao trabalho

de calcular, porem todos nós sabemos que muitas dessas ephemerias fundações foram logo baptisadas com os nomes de ministros e outros funcionarios frivolos, que pensavam assim construir os pedestaes de sua gloria immortal:

*« Tant qu'a duré leur vie, ils semblent quelque chose,  
Il scmble après leur mort, qu'ils n'ont jamais été ».*

Um mez antes da publicação no «Figaro», que é, como se sabe, um dos jornaes Francezes mais lidos em França e fora de França, do parecer do Professor Widal, appareceo na mesma folha extensa noticia da conferencia feita na Sorbonne, em Paris, pelo Sr. Manuel Ugarte, homem de lettras e publicista Argentino sobre «As ideias Francezas na America Latina». Mostrou a influencia das ideias Francezas, no que respeita á politica, pela forma de governo republicana, a independencia religiosa e a liberdade de todos os cultos, as tendencias democraticas que fizeram supprimir os titulos de nobreza e as condecorações. No ponto de vista intellectual e moral, disse o Sr. Ugarte: «a influencia Franceza se traduz por viva curiosidade para as cousas do espirito, por uma diminuição de preconceitos, por uma necessidade crescente de exactidão, de clareza e de methodo, e por uma inclinação para a simplicidade e harmonia, pela flexibilidade que nos prepara a comprehender todas as civilizações». Lembrou que Alberti e Sarmiento foram mais de uma vez se retemperar na fonte da civilização Franceza; disse que a litteratura Franceza reinava sem contestação na Argentina «como a expressão que mais se aproxima de nossas palpitações mais íntimas: no romance, na poesia, no theatro». «Alguns Francezes de espirito poderoso foram chamados pelos nossos governos ou nossas universidades para nos trazer o exigeneo de vossas summidades». O litterato Argentino terminou sua bella conferencia com estas palavras: «Não sei se me accusarão de sonhador, mas creio firmemente que a riqueza vigorosa, que se desenvolve e cresce no Rio da Prata e nas costas do Atlantico, irradia-

rá cada vez mais nos paizes visinhos, ultrapassará cada vez mais nossas fronteiras convencionaes, e que não está longe o dia, em que depois de ter coberto metade do nosso continente com a nossa melhor colheita, poderemos nos voltar, como no apologo biblico, para a França immortal, e dizer-lhe diante da prosperidade do mundo: «Eis— aqui o que fizemos com a tua semente e com a tua charrua». Já o disse e repetirei: não tenho embaraço algum em reconhecer que os progressos da nação Argentina já são grandes, e não destoam da grandeza natural da America.

Estas digressões, cuja utilidade para o Brazil não me parece mediocre, afastaram-me da narrativa da minha obscura vida. Vou continuar. Eu disse em outro lugar, que na qualidade de engenheiro fiscal da estrada de ferro S. Paulo Railway tive de intervir na adopção de duas medidas. Já falei da primeira, vou agora falar da segunda, referente ao trafego mutuo entre as estradas de ferro de S. Paulo e a estrada de ferro D. Pedro II, hoje estrada de ferro central, do Rio de Janeiro. Achando-me uma vez no gabinete do ministro da industria e viação da republica, o engenheiro consultor do ministro falou no estabelecimento do trafego mutuo entre as estradas de ferro, que acabo de mencionar, medida muito util, e que não se tinha ainda conseguido realizar pela opposição do superintendente da estrada de ferro Inglesa (S. Paulo Railway). Respondi que muito me surprehedia o que eu acabava de ouvir, por quanto fôra o superintendente da estrada de ferro S. Paulo Railway, Mr. William Spears, quem organisara o trafego mutuo entre aquella estrada de ferro e as outras estradas de S. Paulo, era elle quem dirigia, de accordo com os outros directores das estradas de ferro de S. Paulo, aquelle serviço, que se fazia em uma sala da estação central da estrada de ferro S. Paulo Railway, e que nas minhas relações com o Sr. Spears só tinha encontrado boa vontade, lealdade e rectidão; pedi que me mandassem os papeis relativos a este negocio, que eu os examinaria e faria tudo quanto estivesse em meu poder para a realisação de uma

medida tão simples como vantajosa ao commercio e ao publico; e que em todo caso, eu poderia dizer quem era responsavel pelo mallogro das tentativas feitas. Recebi o volumoso masso de papeis, e chegando a S. Paulo, depois de os haver examinado, pedi ao superintendente da estrada de ferro S. Paulo Railway que me informasse sobre o assumpto. O Sr. Spears mandou-me copia do pedido feito pela estrada de ferro D. Pedro II para estabelecer o trafego mutuo entre aquella estrada de ferro e as estradas de ferro do Estado de S. Paulo, da consulta feita por elle, na qualidade de director do trafego mutuo, aos directores das outras estradas de ferro do Estado de S. Paulo, e das respostas destes—todas favoraveis ao estabelecimento do trafego mutuo com a estrada de ferro D. Pedro II. Fez-se esta communicação ao director da estrada de ferro D. Pedro II, e este, em resposta, pediu que as estradas de ferro de S. Paulo fizessem certas modificações em suas tarifas, a fim de pol as de accordo com as tarifas da estrada de ferro D. Pedro II. Esta pretensão era simplesmente desarrasoada. Nunca se ouvio dizer, que uma empresa de estrada de ferro ou outra, desejando entrar para a associação de empresas semelhantes, exigisse que a associação modificasse as bases da sua união, em vez de fazel o a empresa que desejava entrar para o conchavo. A vista desta exigencia da directoria da estrada de ferro D. Pedro II, que evidentemente não podia ser attendida, mallogrou-se o accordo; o ministro traçava então um grande G (guarde-se) no masso de papeis, que voltava ao pó do archivo. Conhecendo, como eu conhecia, esta praxe dos nossos governos, indifferente e danosa, escrevi ao director da estrada de ferro D. Pedro II, já então estrada de ferro central, meu velho camarada de escola e amigo engenheiro Eugenio Adriano Pereira da Cunha e Mello, dando o resultado de minhas pesquisas, e fazendo lhe ver que o meio de chegar se a um accordo promptamente seria mandar elle um engenheiro da estrada de ferro central a S. Paulo, para discutir o assumpto com o director do trafego mutuo das estradas de ferro de S. Paulo, e que eu me offe-

recia para coadjuval-o com a melhor vontade. O director da estrada de ferro central respondeo que em um dia designado por elle, na semana seguinte, faria seguir para S. Paulo, como eu havia suggerido, o engenheiro Pamplona. No dia marcado recebi um telegramma, dizendo me que o engenheiro Pamplona não tinha podido partir e que me seria annunciada de novo a sua partida. Semanas se passaram sem annuncio algum, e tive finalmente de devolver a papelada ao ministro da industria e viação, no Rio de Janeiro, dando conta do que eu tinha feito, sem resultado, para o estabelecimento do trafego mutuo, medida que não encontrara opposição alguma da parte do superintendente da estrada de ferro S. Paulo Railway, nem dos directores das outras estradas de ferro de S. Paulo; e lamentando que estradas de ferro que se achavam ligadas pelos trilhos estivessem separadas pelo papelorio. O fallecimento do director da estrada de ferro central, Eugenio Adriano Pereira da Cunha e Mello, me impedio de saber o que tinha determinado o mallogro de mais esta tentativa para o estabelecimento do trafego mutuo, medida, como disse, de incontestavel beneficio ao commercio e aos particulares, que em vez de remetterem suas mercadorias e encomendas directamente do Rio de Janeiro ao interior de S. Paulo, despachando-as na estação da estrada de ferro central, são obrigados á despesa e ao encommodo de ter um agente na cidade de S. Paulo, para redespachal-as para as cidades do interior á margem das estradas de ferro. Não me consta que isto se dê em paiz algum. Conhecendo, como conheço, as nossas cousas, suspeito n'este facto um triumpho da nossa burocracia. A estrada de ferro central é uma empreza do Estado, uma repartição publica com a sua burocracia, suas formalidades, suas delongas, seus reposteiros, etc., e a casta burocratica em toda parte do mundo é inimiga de mudanças, tem grande apego a seus habitos parasitarios e a seus pequenos gozos. A burocracia entre nós se distingue alem disto pela indifferença, apathia e espirito de rotina invenciveis, misturados ás vezes com certa dose de intolerancia, para não dar outro nome. A buro-

cracia só não é intratável nos paizes de raça Saxonia, onde os funcionarios publicos, desde o ministro de estado até o mais pequeno empregado do correio, consideram-se creados do publico (*public servants*) e não servidores do Estado, como acontece entre nós

Em S. Paulo, escrevi tambem nas folhas publicas: «A Provincia de S. Paulo», depois «O Estado de S. Paulo», jornal diario fundado pelo fallecido Rangel Pestana, «O Diario Popular», fundado e dirigido pelo Sr. José Maria Lisboa. Escrevi sobre assumptos de utilidade publica; nunca me occupi de personalidades, e nem de politica, como é comprehendida e praticada em nosso paiz, isto é, a arte de ganhar eleições e apoderar-se dos empregos publicos, em vez da sciencia de governo. Talvez não seja sem interesse mencionar aqui um artigo, que fiz publicar n'«O Diario Popular» de 25 de Julho de 1890, com o titulo de «Um pouco de politica», a proposito de uma estranha declaração do Dr. Americo Braziliense de Souza e Mello, contida nas seguintes palavras pronunciadas por elle n'um banquete offerecido em S. Paulo ao ministro da industria e viação do governo provisório. Disse o Dr. Americo Braziliense: «Dadas certas circumstancias, talvez me veja obrigado por lealdade ás doutrinas da federação, como tem sido sempre entendidas e sustentadas pelos republicanos historicos, especialmente do Estado de S. Paulo, a fazer a propaganda da verdadeira soberania dos Estados, e quem sabe se não desfraldarei a bandeira da confederação dos Estados do Sul?» Copiei este trecho n'«O Diario Popular», cujo director, um veterano da imprensa, geralmente estimado, estava presente ao banquete. Declaro que o unionismo é, commigo, um sentimento innato, fortalecido pela idade e pela experiencia, e no qual o atavismo tem tambem sua parte. Em 1823, na sessão da camara dos deputados em que se discutia a constituição do imperio do Brazil, meu tio avô, tenente-coronel de engenheiros Pedro José da Costa Barros, que foi depois senador do imperio, presidente da sua provincia natal, o Ceará, e ministro d'Estado, Carvalho e Mello, depois Visconde da Cachoeira, Silva Lis-

boa, depois Visconde do Cayrú, Lopes Gama, depois Visconde de Maranguape, e João Antonio Rodrigues de Carvalho, do Ceará, oppuzeram-se á emenda offerecida pelo deputado Antonio Ferreira França ao artigo 2.<sup>o</sup>, assim redigida: «O imperio do Brazil comprehende federalmente as provincias, etc». Na opinião d'aquelles deputados esta emenda era attentatoria da união do nascente imperio, muito pouco povoado e de communicações muito difficéis (1). Mas voltemos ao discurso do Dr. Americo Braziliense e ao meu artigo. Lembrei que «a bandeira que o Dr. Braziliense talvez desfraldasse «a bandeira da confederação dos Estados do Sul» trazia á memoria a luta fratricida, a guerra civil a mais cruenta que tem ensanguentado a humanidade, a guerra de separação que durante quatro annos poz em perigo a republica dos Estados Unidos da America, que resistio brilhantemente a aquella provocação, e é a grande republica fundada por Washington e seus gloriosos companheiros. Terminei dizendo que o Marechal Deodoro repeteria sem sombra de duvida aos republicanos historicos separatistas o dito do seu illustre irmão de armas, o Marechal Mac-Mahon, presidente da republica Franceza, aos reaccionarios Francezes que lhe falaran em restauração monarchica com a bandeira branca do Conde de Chambord: «se os senhores tentarem semelhante cousa os *chassepots* (fusis do exercito) dispararão por si». O marechal Deodoro diria aos separatistas: «Tentai fraccionar a patria Brasileira e os fusis do exerci-

(1) Em 1888, vim a saber por D. Ambrosio Montt, diplomata Chileno, que tive a honra de conhecer, que era este o grande receio de D. Pedro II, receio que o Imperador manifestara ao general Mitre, antigo presidente da Argentina e seu ministro plenipotenciario no Rio de Janeiro, nestas palavras que cito de memoria: Eu creio, disse o Imperador, que durante minha vida os Brasileiros não proclamarão a republica. Elles sabem que não poupei esforços para desenvolver o mais possivel os progressos da nossa patria (como se engana o coração humano!); depois da minha morte não sei; e o grande receio que tenho é que a forma de governo republicana não possa conservar unido um paiz tão extenso e ainda tão pouco povoado como é o Brazil.

to e da armada, e os braços de milhões de homens do povo se armarão contra vós». Se as palavras pronunciadas pelo Dr. Americo Braziliense tivessem saído da bocca de algum joven bacharel audaz e sequioso de triumphos tribunicios e de proventos, ninguem lhes daria attenção, mas o Dr. Braziliense era um lente da Faculdade de direito de S. Paulo, antigo presidente da provincia, no tempo do imperio, honrado e circumspecto, tinha sido nomeado pelo governo provisorio presidente (se me não engano) da commissão de jurisconsultos encarregada de formular a constituição da republica, depois fôra ministro plenipotenciario do Brazil em Lisboa, e finalmente governador do Estado de S. Paulo. Estou fora do Brazil ha mais de doze annos, não posso pois conhecer o estado d'alma do nosso povo, mas dizem-me o coração e a razão que o unionismo é um sentimento nacional, que não variará na republica, como não variou no imperio, e que a patria Brazileira será sempre grande e unida como a fizeram os nossos antepassados. Aos poderes da republica incumbe o dever de zelar esta herança, e vigiar com sollicitude e firmeza tudo quanto de longe ou de perto, directa ou indirectamente, possa pôr em risco a unidade do Brazil; não perdendo jamais de vista o sabio conselho de Toqueville: «Um governo federal deve desejar, mais do que qualquer outro, obter o apoio da justiça, porque de sua natureza elle é fraco, e facilmente se podem organizar resistencias contra elle».

Em 1893, os Americanos festejaram solemnemente o quarto anniversario da descoberta da America com uma esplendida exposiçào universal (exposiçào Colombiana) em Chicago, no coração da America, exposiçào que nada deveo em magnificencia ás grandes exposiçõe de Paris e de Londres. O Brazil convidado, teve de comparecer como todas as nações civilisadas. Foi nomeado presidente da commissão Brazileira o Marechal José Simeão de Oliveira, meu antigo camarada e companheiro de escola. Eu tinha muito desejo de visitar os Estados Unidos, particularmente para observar os methodos empregados pelos Americanos para attrahir milhões de bons immi-

grantes Europeos ao seu territorio; a occasião era opportuna, pedi ao Marechal Simeão que propuzesse o meu nome se elle julgasse que o meu conhecimento de linguas e cousas estrangeiras lhe podia ser util, e fui nomeado membro da commissão. Minha incumbencia especial era redigir o relatório geral da commissão, composta dos relatórios parciaes dos outros membros da commissão, encarregados de estudar os varios ramos da exposição universal e tambem dar uma noticia sobre as nossas exposições, e sobre o Brazil: administração, instrucção, população, commercio, agricultura, industria, exercito, marinha, etc., conforme os dados estatísticos e informações que deviam ser remettidos do Rio de Janeiro. Apenas tinha a commissão chegado a Chicago, arrebentou no Rio de Janeiro a revolta de uma parte da marinha, seguida de graves desordens, que muito perturbaram o governo do Marechal Floriano Peixoto, e o impediram de cuidar nos trabalhos da paz, occupado, antes de tudo, de restabelecer e assegurar a ordem publica, primeiro dever de todo governo; todavia, durante os doze mezes de minha residencia nos Estados Unidos não me descuidei de observar e informar-me, no alcance das minhas forças, sobre tudo quanto concerne á immigração; e agitando-se novamente n'aquella epoca a introducção de trabalhadores Chinezes e Japonezes no Brazil, medida perniciosa á nossa nacionalidade, e já duas vezes tentada, quanto aos Chins, no tempo do imperio, com mau exito (1), fiz uma viagem á California, centro de immigração Chinezes, nos Estados Unidos, a fim de examinar o trabalho dos Chins, e ouvir a opinião de funcionarios e homens competentes sobre as vantagens e os inconvenientes de tal immigração. O «Jornal do Commercio», nos annos 1893, 94, 95, publicou correspondencias minhas, referindo o que eu tinha lido, visto e ouvido sobre este assumpto, assim como sobre outros assumptos Americanos, que nos devem servir

---

(1) O presidente Marechal Floriano Peixoto mandou um plenipotenciario á China e ao Japão tratar da vinda destes Asiáticos para o Brazil.

de exemplo e lição. Tudo quanto observei nos Estados Unidos em materia de immigração, o exame dos nossos famosos contractos de immigração, que são contractos contra a immigração como bem os definiu Joaquim Nabuco, a apreciação das nossas tentativas de introdução de imigrantes, a tanto por cabeça, sem methodo, sem nexos, sem continuidade, variando com o pensamento dos ministros, que na quasi totalidade dos casos entendiam tanto de immigração e outros importantes negocios a cargo do ministerio de agricultura, commercio e obras publicas, onde faziam sua aprendizagem ministerial (e até no ministerio da marinha!) de ministros digo, que entendiam tanto destes negocios como um cego entende de cores, estas observações estão escriptas; não foram publicadas por motivos que me são particulares, e sobretudo por essa indefinivel tendencia moral da epoca, pelo estado de espirito dos meus compatriotas, que não parecem dispostos presentemente a se preoccupar de assumptos como estes, que, fora de toda duvida, interessam muitissimo á nossa patria e a seu futuro. O Mammonismo, a febre infernal de ganhar dinheiro a todo transe, de accumular riqueza, que se apoderou dos homens do meu paiz, desde o nascimento da republica, e notoriamente n'aquelle momento, quando, pelo capriço de uma fada má, dir-se-hia o Brazil foi de chofre lançando n'um turbilhão de especulações e agiotagens vesgas, que se chamou o *ensilhamento*, de tristissima memoria, o Mammonismo, digo, tornou se a aspiração dos Brazileiros, salvo excepções, tenho o maior pesar em dizel-o (1).

---

(1) Ouço dizer que esta sêde immoderada de riqueza se estendeo tambem a homens politicos. Nada pode haver de mais nocivo a uma nação; a alliança entre financeiros e politicos é uma grande desgraça. O Conselheiro José Antonio Saraiva, um dos mais puros caracteres da politica Brazileira, a quem tive a honra de conhecer pessoalmente, contou-me em conversa intima, que quando foi ao Rio da Prata, no character de enviado extraordinario e ministro plenipotenciario, ao chegar ao logar de sua missão, reoebeo a visita do chefe de um banco Brazileiro, que lhe offerceo tudo quanto precisasse do banco. O Conselheiro Saraiva agra-

Não sei se aquelle manuscripto verá algum dia a luz da publicidade, estou chegando ao termo da vida, e confio que não deixarei o mundo sem apprehensões, que os acontecimentos Brasileiros destes ultimos tempos justificam de sobejo. A desordem geral, a falta de rectidão, de consciencia na alta governação do Estado (1), a quebra de prestigio do corpo legislativo, onde tem assento alguns homens de character, mas não infelizmente em numero sufficiente para impor o respeito aos numerosos *declassés* de todas as carreiras, que enchem as duas camaras legislativas, attrahidos pelos lucros de um ordena-

---

deceo, surpreendido, o offerecimento; e ajuntou-me "naturalmente o visitante suppunha que eu era um desses homens publicos que tem o nome na gaveta de banqueiros". E' com esta integridade moral que se serve dignamente a seu paiz, como servio em sua longa carreira o fallecido lamentado estadista.

(1) O facto denunciado pelos jornaes do Rio de Janeiro de presentes de valor feitos ao presidente da republica por particulares interessados em favores officiaes e por empregados publicos, e acceitos pelo chefe da nação, é um indicio de decadencia e uma animação a malleabilidade dos caracteres, que por honra do Brazil é de esperar nunca mais se reproduza. Não será com lições do cottsas como esta que se educara o povo Brasileiro, ou se o manterá no plano elevado de moralidade estricta de que nos legou nobres exemplos D. Pedro II, exemplos que é tambem de esperar não serão outra vez esquecidos. Deixem escrever mais uma de minhas lembranças. Em 1866, no apogeu do reinado de Napoleão III, o Sultão da Turquia fez a sua primeira e creio que unica visita as grandes nações do Occidente da Europa, sendo recebido com grandes honrarias tanto em Paris como em Londres. Eu me achava então em Londres, e soube pela leitura das folhas publicas, que o Sultão, ao retirar-se, mandou levar a Mr. Gladstone, o nobre estadista, que o amor de seus concidadãos appellidava o grande ancião, e era então primeiro ministro, o seu retrato cercado de ricos brilhantes e outras pedras preciosas. Mr. Gladstone recbeo o presente, mas devolveo ao Sultão a cercadura de pedras preciosas, dizendo que uma lei Ingleza (lei obsoleta esquecida no velho arsenal das leis Inglezas) prohibia aos ministros da coroa receber presentes de valor; elle guardava e agradecia muito o simples retrato do Sultão.

do exagerado (1), pelas vantagens de favores e concessões officiaes, e tambem pelos gozos da vida em uma grande capital como é o Rio de Janeiro, tudo isto tem trazido um estado de anarchia moral, um afrouxamento nas molas principaes do governo da republica, que não é mais possivel encobrir ou disfarçar, e clamam por prompta correcção. E' preciso que os homens de bom senso e patriotismo, são e vigoroso, não recuem diante da clareza e brutalidade dos factos, e mettam mãos á obra da nossa reabilitação moral e politica. Não se deve duvidar do triumpho das ideias justas e das vontades rectas. O Brazil tem enormes capitaes e interesses estrangeiros empenhados em desenvolver o commercio e as industrias,

(1) A Inglaterra, a mais rica nação do mundo vai agora pagar lb. 400 por sessão legislativa a seus deputados ou membros da camara dos commons, que até então não recebiam pagamento algum, o que faz presentemente 6.000\$000 em moeda Brasileira; medida justificada pela equidade em dar um subsidio aos operarios, membros do *Labour party* (partido dos operarios) que tem sido eleitos, em numero crescente, pelo voto livre de seus concidadãos, para a camara dos commons. Será, como dissemos, um subsidio que a nação prestará a estes trabalhadores, que são obrigados a interromper suas occupações diarias para tomar parte nos trabalhos legislativos. Não é de modo algum um beneficio pecuniario feito aos habitantes. O Brazil paga hoje 100\$000 por dia aos seus deputados e senadores, o que importa em 12:000\$000 para os quatro mezes de sessão annual legislativa! A Inglaterra é um paiz de finanças honestas, como queria Mr. Gladstone, isto é, seus orçamentos fecham-se com saldo. O orçamento que acaba de ser apresentado ao parlamento pelo ministro das finanças, Mr. Lloyd George, para o anno 1912—13, apresenta um saldo de lb. 6.545.000. É o Brazil é hoje um paiz de finanças avariadas. Conforme lembrou recentemente o antigo honrado presidente da republica, Sr. Rodrigues Alves, o deficit no triennio de 1908, 09, 10, attinge a enorme somma de 281.000:000\$, e o limite possivel dos impostos já está attingido. Transformar o subsidio legitimo aos legisladores em pingue ordenado é um erro grave, porque assim se cria a classe abominavel dos politicantes, verdadeira desgraça para uma nação, mas fazer esta transformação, que traz consideravel augmento de despesa, quando o thesouro se acha esgotado e individado, é um acto audacioso de corrupção de um poder publico, cujo fim principal é fiscalizar e restringir o mais possivel as despesas da nação.

e a cobiça de territorios por parte das grandes potencias é grande e manifesta; não será pois de admirar que admoestações amigaveis cheguem, se já não tem chegado, ao nosso governo contra os esbanjamentos e a desordem dos negocios publicos Brasileiros. «Uma querella de Al-lemão» não é difficil armar, e d'ahi a tentativas de occupação de porções do territorio nacional não haverão muitos passos (1).

Se me fosse licito dirigir um pedido aos meus antigos camaradas do exercito e da marinha, eu lhes supplicaria que se afastassem inteiramente do campo da politica; as lutas partidarias sempre apaixonadas e muitas vezes facciosas não podem senão enfraquecer a autoridade moral do soldado, que deve estar sempre fora e acima dos partidos, pois ao soldado incumbe defender a honra da patria, sua integridade, suas instituições. Haverá missão mais elevada, mais nobre? Vêde: a França da actualidade, dividida pelas facções politicas, diminuida em sua autoridade e seu prestigio pelas faltas e abusos de seus governos de advogados politicantes (2), conserva apezar de tudo a posição que lhe compete no conselho das grandes nações, graças ao seu exercito e a sua marinha, perfeitamente disciplinados, trabalhando pacientemente, conscienciosamente em aperfeiçoar-se para em todas as occasiões poderem cumprir fielmente e valorosamente o dever; como disse nas seguintes bellas palavras M. Thiers, por occasião da primeira revista que passou, em Paris, ao exercito Francez, depois do desastre da guerra de 1871: «sempre fiel a todos os seus deveres, sempre fiel

---

(1) O estado de anarchia em que Portugal desgraçadamente se acha aguçou o appetite de acquisições territoriaes por parte das grandes potencias, e já se fala abertamente nos jornaes em accordo entabulado entre a Inglaterra e a Allemanha «para a partilha eventual das colonias Portuguezas».

(2) Esta condemnação dos actuaes governos civis da França, que a opinião imparcial do mundo civilisado sanccionou, não envolve, já se sabe, o presente gabinete presidido por M. Poincaré, que tem mostrado, em todos os seus actos, personificar a grandeza e a dignidade da França.

á lei, restabelecido em sua disciplina, em sua boa ordem, em seu dever». Ao poder militar principalmente deve a França a continuação do apreço e estima de todas as nações, mesmo do seu grande inimigo o imperio Alle mão. O entrelaçamento das relações e interesses commerciaes e industriaes, dos povos, cada vez mais estreito, devido ás modernas facilidades nas communicações e nos meios de informação, não tolera que um governo qualquer comprometta esses grandes interesses por suas faltas e incuria. E' pueril querer encobrir o sol com uma pe-neira. O Brazil, nestes ultimos tempos, tem perdido muito da consideração, confiança e sympathia de que gozou nos cincoenta annos do reinado de D. Pedro II: «um principe tão esclarecido quanto humano» como o descreveo um Americano eminente, opinião que todo mundo civilisado confirmava. Os nossos governos da actualidade, salvo uma ou outra excepção, tem commettido erros e faltas muitissimo graves; a elles se pode applicar a conhecida sentença do grande estadista Francez: «Não tendes mais faltas a commetter». A obstinação no erro, a constancia nas faltas, será um crime de leso patriotismo. E' preciso absolutamente mudar de rumo; aquelles que tão admiravelmente souberam fazer o mal devem poder agora fazer o bem.

Mais que provavelmente é esta a ultima vez que falo aos meus caros compatriotas; sinto que o fim da minha vida não está longe; e appello com inteira confiança para a indulgencia dos que me lerem, pedindo-lhes que estendam esta indulgencia ao que vou ainda dizer ao rematar este desalinhavado escripto. Agassiz, a quem os Brazileiros devem tanto como os Mexicanos devem a Humboldt, naturalista, homem de sciencia e pensador como elle, que visitou a America do Sul no principio do se-culo passado, e que o obscurantismo do governo Portu-guez, n'aquella epoca, impedio, sob pena de prisão, de entrar no Brazil, e cuja memoria os Mexicanos sabem prezar, a ponto de ter o Imperador Guilherme II julgado dever offerrecer uma estatua de seu grande compatriota, para ser erigida em uma das praças da capital do Me-

xico (1), Agassiz, dizia eu, terminou seu mui estimado livro: «Uma Viagem no Brazil» com estas palavras: «Lendo esta rapida vista d'olhos, dirão meus amigos do Brazil, que eu medi parcimoniosamente o elogio às suas instituições publicas e critiquei sem benevolencia seu estado social? Espero que não. Eu iria de encontro ao meu fim, se deixasse a impressão de ter partido do Brazil com outros sentimentos senão os de calorosa sympathy por este paiz, de uma fé profunda em seu futuro e prosperidade, e de gratidão pessoal para com seus habitantes. Reconheço nos Brasileiros impressionalidade de sentimentos elevados e emoções generosas, amor theorico da liberdade, generosidade natural, aptidão para aprender, eloquencia facil». Em outro logar do seu livro, lê-se o seguinte: «Se jamais as faculdades moraes e intellectuaes do povo Brasileiro se puzerem de accordo com a belleza maravilhosa e as riquezas naturaes que o paiz tem da natureza jamais nação mais feliz se terá visto no globo». São estes conceitos, são estas verdades que animam o meu coração de patriota, e me fazem esperar, que as nuvens carregadas, negras, que pesam sobre o Brazil da actualidade serão passageiras, e o eclipse moral que estamos presenciando será momentaneo; é o que peço ardentemente a Deus.

Lausanne (Suissa), Abril, 1912.

---

(1) No Brazil, o nome de Agassiz está completamente esquecido! No entanto houve quem se lembrasse de baptizar um dos palacios nacionaes, no Rio de Janeiro, com o nome de Monroe, e não sei se se propoz tambem elevar-lhe uma estatua. E' singular o moderno culto Brasileiro a Monroe! O que celebrizou o nome deste presidente Americano foi a sua phrase: «A America aos Americanos». Os que pretendem ler o pensamento do fundo da cabeça interpretam assim a famosa phrase: «A America aos Americanos do... Norte». Em minha humilde opinião, o presidente Saenz Peña, que disse: «A America do Sul á humanidade» é homem superior ao presidente Americano. E as palavras destes dous estadistas photographam as feições bem conhecidas das raças Anglo Saxonia, e da raça Latina, que primou sempre por desinteresse, generosidade, philanthropia.

HOTEL BEAU SEJOUR (LAUSANNE), ABRIL, 10, 1912.  
EXMO. SNR. BARÃO DE STUART.

Meu prezado e distinto Amigo.

Aqui está cumprida a promessa com que respondi ao seu amavel pedido de enviar-lhe apontamentos sobre minha obscura vida.

E' com summo prazer que satisfaço ao desejo de um Cearense illustre, obreiro incansavel do progresso moral e intellectual de nossa terra natal, e espero de sua bondade que me desculpará a demora na remessa destes apontamentos, demora devida a encemmodos de saúde de minha Mulher e meus, no mau inverno que acabamos de passar, e na primavera igualmente má que vamos tendo.

Dando um balanço na minha vida, hoje, que me acho na ultima estação, deixe-me dizer-lhe, que se não illustrei o nome Cearense tambem não o deslustrei; trabalhei conscienciosamente e energicamente, com os recursos de minha fraca intelligencia, de meus estudos, e tal ou qual espirito de observação; trabalhei sem as ousadias da ambição, tomada no mau sentido a palavra, e sem subserviencia; trabalhei com animo viril, como todo homem deve trabalhar. Se mais não fiz foi porque as circumstancias não me ajudaram.

Neste momento em que saio do silencio e esquecimento, no exilio voluntario em que vivo ha mais de doze annos, porque a minha saúde enfraquecida assim o exige, eu sinto todo o amargor do melancholico pensamento de Ambryot:

«Mieux vaut mourir que s'eloigner. Les morts sont des absents qu'on regrette au moins une heure; les absents sont des morts qu'on ne regrette pas».

Ao terminar, peço-lhe o favor de me devolver estes apontamentos e lembranças, no caso de não poderem ser publicados ahi; eu não os teria certamente escriptos se não fosse o pedido do Amigo, mas uma vez escriptos, desejo que elles sejam publicados. Será o meu cartão de despedida aos meus caros compatriotas.

Adeus, meu caro Barão, receba affetuosas saudações de minha Mulher e minhas, com o abraço de seu patricio e amigo muito apreciador—Z. BARROSO.